


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

CADERNOS
DE ESTUDOS
LINGVÍSTI
COS 17 

TEORIA GRAMATICAL

Organizadora: Charlotte Chambelland Galves

Cad.Est.Ling.	Campinas	n.17	p.1-185	jul./dez.1989
---------------	----------	------	---------	---------------

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: Paulo Renato Costa Souza

Coordenador Geral da Universidade: Carlos Vogt

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretor: Eduardo Roberto Junqueira Guimarães

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Coordenador: João Wanderley Geraldi

Capa: Maria Bernadete Marques Abaurre

Composição: Lufs Santos/J.A. Duek

Arte Final: J.A. Duek

CONSELHO EDITORIAL

Cláudia Thereza G. de Lemos

Rodolfo Ilari

João Wanderley Geraldi

CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS é uma publicação semestral do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. A revista aceita colaboração de pesquisadores de outras Instituições, publicando estudos em português, espanhol, inglês ou francês. Os trabalhos, acompanhados de resumos, serão submetidos ao Conselho Editorial.

Para remessa de originais, aquisição de números avulsos e assinaturas, dirigir-se a

UNICAMP/IEL

Setor de Publicações

Caixa Postal 6045

13.081 - Campinas - SP - BRASIL

PEDE-SE PERMUTA

SUMÁRIO

Apresentação.	5
ALAIN ROUVERET	
Cliticização e tempo no português europeu.	9
CARLOS MIOTO	
Construções interrogativas: elementos para uma análise do português do Brasil.	39
CHARLOTTE CHAMBELLAND GALVES	
O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa.	65
ILZA DE OLIVEIRA RIBEIRO	
A teoria dos casos e o verbo acreditar.	91
MARY AIZAWA KATO	
Sujeito e tópico: duas categorias na sintaxe?.	109
ELENA GODOY e RENY GREGOLIN GUINDASTE	
Os adjetivos russos: por que duas formas?.	133
CIRLENE MAGALHÃES ALMEIDA	
Predicação metafórica e gerativismo.	147
REGINA CÉLI MORAES WHITAKER FRANCHI	
Correlação entre estruturas causativas e estruturas ergativas. Estudo de caso no processo de aquisição.	165

A P R E S E N T A Ç Ã O

Este número especial de sintaxe nasceu do Encontro Nacional de Teoria da Gramática realizado na UNICAMP em agosto de 1987, quando da estadia de Alain Rouveret, da Universidade Paris 8, no Departamento de Lingüística. Apesar de só os artigos de Ribeiro, Godoy e Gregolim, Almeida, e Kato corresponderem a versões revisadas das comunicações apresentadas, o conjunto dos textos reunidos neste volume tem, com o conjunto das comunicações do encontro, uma importante característica comum: o seu quadro teórico de referência é a teoria de **Regência e Ligação** (ou **Vinculação** - voltarei mais abaixo às questões terminológicas -) desenvolvida por N. Chomsky e outros nos anos 80, e que o próprio Chomsky prefere chamar agora de Teoria de **Princípios e Parâmetros**. Isso faz com que este número tenha, além de uma unidade temática, uma unidade teórica, e que também seja representativo das tendências atuais do programa de pesquisa chomskiano.

Em primeiro lugar, notar-se-á a variedade das línguas consideradas: além do português - com as suas duas grandes realizações dialetais - o japonês, e o russo, que são termo central de artigos, várias referências são feitas, numa ótica comparatista, a outras línguas: o francês, o italiano, o espanhol, o inglês e o chinês. No modelo atual, toda afirmação sobre uma língua tem implicações imediatas para outras, geneticamente relacionadas ou não, e para a própria teoria: nesse sentido que se trata de uma teoria dos **princípios** gerais da gramática universal, e dos **parâmetros** da variação associados a esses princípios. Os trabalhos apresentados aqui não fogem a esse projeto fundamental da lingüística chomskiana dos anos 80.

Em segundo lugar, os textos de Almeida e Whitaker Franchi mostram um outro aspecto importante das orientações recentes da teoria: a possibilidade da articulação da gramática com outras áreas da lingüística: por um lado, com outros módulos da capacidade de linguagem, aqui a semântica **lato sensu** (aquilo que Chomsky, em textos anteriores, chamou de **Interpretação Semântica II**), que dá conta das interpretações metafóricas, e por outro lado, com outros enfoques da indagação a respeito da linguagem, aqui a questão, crucial para a própria teoria, da aquisição da língua materna.

Este volume, como o encontro, mostra também tendências atuais dos estudos do português na teoria chomskiana e, em particular, a distinção, agora clássica, entre **Português Europeu (PE)** e **Português Brasileiro (PB)**. Por um lado, na comparação com outras línguas, é a um ou a

outro, com as suas especificidades, que se faz referência. Por outro lado, vê-se como a abordagem paramétrica se estende naturalmente à comparação dos dialetos de uma mesma língua.

Em suma, a teoria leva-nos a olhar para novos fatos, ou para fatos antigos com novos olhos. E o resultado mais espectacular que esta abordagem nos proporciona, em termos descritivos, é o estabelecimento de relações entre fatos aparentemente independentes, que, em última instância, nos levam a hipóteses fortes sobre a estrutura da oração em cada língua, ou seja sobre a sua **gramática** como um todo.

Na sua tese publicada em 1987 (cf. bibliografia), Alain Rouveret explicou as particularidades do comportamento sintático do português europeu (infinitivo flexionado, posição dos clíticos, objeto nulo) a partir de uma hipótese original sobre a estruturação da oração nessa língua. O texto que abre este volume retoma esse tipo de abordagem ao pôr em relação a posição dos clíticos, que varia conforme o contexto sintático, com a posição, variável também, do operador **Tempo** na oração.

Os três textos seguintes tratam de problemas da sintaxe do português europeu e brasileiro, e dos princípios da teoria que eles põem em jogo: Carlos Miotto, baseado no modelo proposto por Rouveret na sua tese, propõe uma análise contrastiva do comportamento das estruturas interrogativas nos dois dialetos, contrapondo o Princípio de Vinculação Temática de Rouveret ao clássico Princípio das Categorias Vazias da Teoria e argumentando a favor do maior poder explicativo do primeiro. Meu próprio trabalho relata a busca da melhor análise possível, dentro da teoria das categorias vazias, para o fenómeno do objeto nulo no português brasileiro. Ilza Ribeiro discute a sintaxe do infinitivo com os verbos da classe de **acreditar**, em relação com a teoria dos Casos, e em referência a análises de Richard Kayne para o francês e o inglês, e de Luigi Rizzi para o italiano e o francês.

O artigo de Mary Kato é particularmente representativo da abordagem comparatista na teoria chomskiana: pondo em paralelo o uso das partículas -**wa** e -**ga** em japonês, e as diversas realizações de sujeito em português brasileiro, a autora mostra como a gramática universal, em particular a teoria X', define (pelo menos) duas posições de sujeito na estrutura oracional, dispensando assim a noção de tópico em sintaxe.

E também em relação à estrutura da proposição que os dois tipos de adjetivos do russo são analisados por Elena Godoy e Reny Gregolim. As autoras mostram que são o reflexo da construção de dois tipos distintos de relação de predicação, associados à presença ou ausência de Tempo, e refletindo as propriedades lexicais, e de marcação casual, do verbo **ser** subjacente.

Enfim, como já referi acima, os dois últimos textos tratam das articulações da teoria da gramática com outros campos de investigação lingüística. Cirlene Almeida mostra como a estruturação do léxico no modelo atual é compatível com uma análise semântica e discursiva da interpretação metafórica. Regina Whitaker parte de uma análise interacionista da aquisição dos verbos causativos e ergativos e argumenta que a estruturação do léxico na teoria de Princípios e Parâmetros, com o conceito básico de papel temático, e os princípios que regem a projeção sintática desses papéis, dão conta de maneira independente dos fenômenos observados.

Para terminar esta apresentação, gostaria de fazer algumas observações a respeito da terminologia. Optei por não alterar a terminologia que cada autor escolheu usar no seu texto. As variações não são tão amplas que cheguem a atrapalhar a leitura e, sobretudo, a minha escolha não deixaria de ser arbitrária. Limitar-me-ei aqui a apresentar as variações encontradas.

A respeito da tradução de **binding**, **ligação** vem sendo o mais usado (Note-se também que é o termo usado pelos linguistas portugueses). Mas alguns autores ainda usam **vinculação**.

A maior variedade encontra-se nos termos indicando as categorias, sendo que alguns autores optam por manter o termo inglês, e outros por traduzi-lo, mas nem sempre da mesma maneira. O maior exemplo de variação terminológica diz respeito ao elemento de concordância encontra-se **Agr** (por **agreement**), **Conc** (por **concordância**) e **Ac** (por **acordo**, o que corresponde ao uso de Portugal). O termo designando a categoria **Tempo** também aparece em português ou em inglês (**Tense**). Para a categoria que domina a oração, a própria teoria mudou, e certos textos usam as duas terminologias. **S**, de **Sentence**, é agora comumente chamado de **IP**, **Inflexional Phrase**, ou **INFL'**, por ser essa categoria considerada como a projeção máxima do nóculo **Inflexion**, **Flexão**. Certos autores mantêm **IP** (ou **I'**), alguns traduzem para **Flex'**, e outros ainda usam **F'**. **S'**, a projeção de **COMP** e **S**, passa agora a ser considerada como projeção do nóculo **COMP**, e portanto é designada por **CP** ou **C'**. Enfim, as projeções máximas de **Nome** e **Verbo** também aparecem como **NP (Noun Phrase)**, **VP (Verb Phrase)** ou **N'** e **V'**, a segunda opção evitando a escolha entre as formas inglesas e as formas portuguesas **SN** e **SV**.

Talvez a solução seja mesmo o leitor se familiarizar com essa variedade!

Campinas, dezembro de 1989.

Charlotte M. Chambelland Galves